



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS CLÓVIS MOURA
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS



JOSNAYRA COSTA GUEDES

**SIMBOLISMOS DA INDIVIDUAÇÃO EM *LADY BIRD: A HORA DE VOAR*, DE
GRETA GERWIG**

TERESINA
2025

JOSNAYRA COSTA GUEDES

**SIMBOLISMOS DA INDIVIDUAÇÃO EM *LADY BIRD: A HORA DE VOAR*, DE
GRETA GERWIG**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Português da Universidade Estadual do Piauí –
Campus Clóvis Moura, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado em
Letras Português.

Aprovada em: ___/___/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Wanderson Lima – orientador

Profa. Me. Wagner dos Santos Rocha – UESPI
1º Examinador

Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito – UESPI
2º Examinador

À minha mãe e irmã, por acreditarem em mim!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me sustentado e cuidado de mim em cada pequeno detalhe, não apenas nestes quatro anos de graduação, mas ao longo de toda minha existência.

A minha mãe, Maria, pelo seu amor e cuidado, por ser meu porto seguro e a minha inspiração diária.

A minha querida irmã, por ser meu alicerce firme nos dias difíceis e minha celebração nos dias de vitória.

Ao meu pai, por seu exemplo de força, pelo seu amor e incentivo.

A minha estrelinha, que hoje vive ao lado de Cristo, por sempre ter acreditado na minha capacidade.

Ao meu melhor amigo e grande amor, que sonhou os meus sonhos e me amparou quando pensei em desistir.

Aos amigos que fiz no decorrer da graduação, em especial, minhas meninas: Bianne, Grazielle e Lígia, por me ouvirem quando o processo se tornou pesado e por tornarem a caminhada leve e cheia de boas risadas.

Ao meu orientador, professor Dr. José Wanderson Lima Torres, por me apresentar o universo da Literatura e Cinema.

RESUMO

Os filmes, enquanto expressões artísticas e culturais, transcendem o mero entretenimento, refletindo valores, conflitos e emoções humanas. A Psicologia Analítica, por sua vez, examina e põe em pauta traços do comportamento humano. Diante disso, a presente monografia tem como objetivo analisar a representação do processo de individuação na narrativa cinematográfica *Lady Bird: A Hora de Voar* (2017), dirigida por Greta Gerwig, e o desenvolvimento da protagonista Christine à medida em que evolui como indivíduo ao longo da trama. Essa investigação possui uma abordagem qualitativa e, por isso, une tanto aspectos da pesquisa documental quanto bibliográfica, visto que seu objeto de análise consiste em uma obra cinematográfica. Partindo desse pressuposto, tem-se por base, nesse estudo, os preceitos teóricos da Teoria da Individuação. A análise fundamenta-se, dentre tantos nomes, nos pressupostos de Jung (2000), Murdock (2022), Stein (2020), Martin (2005). No processo investigativo, constatou-se que as vivências de Lady Bird, durante a trama, foram essenciais para seu desenvolvimento pessoal, assim como que a individuação configura uma excelente ferramenta para compreender e analisar a dimensão psicológica de personagens cinematográficos à medida em que descobrem o mundo e a si mesmos.

Palavras-chave: individuação; Jung; obra cinematográfica; *Lady Bird*.

ABSTRACT

Films, as artistic and cultural expressions, surpass mere entertainment, reflecting human values, conflicts, and emotions. Analytical psychology, in turn, investigates and highlights aspects of human behavior. In this context, the present monograph aims to analyze the representation of the individuation process in the cinematic narrative *Lady Bird: A Hora de Voar* (2017), directed by Greta Gerwig, and the development of the protagonist Christine as she transforms as an individual throughout the story. The research adopts a qualitative approach, combining elements of documentary and bibliographic research, as its object of study is a film, and it is based on the theoretical principles of the Theory of Individuation. The analysis draws on the works of Jung (2000), Murdock (2022), Stein (2020), Martin (2005), among others. During the investigative process, it was found that Lady Bird's experiences throughout the story were essential for her personal growth, and that individuation serves as a valuable tool for understanding and analyzing the psychological depth of cinematic characters as they discover the world and themselves.

Keywords: individuation; Jung; cinematographic work; *Lady Bird*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Christine e Marion, cena inicial.	32
Figura 2 - O carro	32
Figura 3 - O gesso de Christine	32
Figura 4 - Cruz ao fundo do auditório.	37
Figura 5 - Miguel e seu pai na entrevista de emprego	37
Figura 6 - Imagem de Maria ao fundo do frame	37
Figura 7 - Audição de teatro de Lady Bird	40
Figura 8 - Jenna e Christine	40
Figura 9 - Escolhendo vestido de baile	40
Figura 10 - Figurino da faculdade	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 INICIANDO OS ESTUDOS DA INDIVIDUAÇÃO	15
2.1 A concepção junguiana de individuação	15
2.1.1 O inconsciente pessoal e coletivo	16
2.1.2 A persona	17
2.1.3 A sombra	17
2.1.4 Anima e animus	18
2.1.5 O Ego e o Self	19
2.2 O Processo até a Individuação	20
2.3 A Individuação da Personagem Feminina	23
3 A LITERATURA, A PSICOLOGIA ANALÍTICA E O CINEMA	26
3.1 A linguagem cinematográfica	26
3.2 Psicologia Analítica, Literatura e Cinema	28
3.3 Uma síntese de Lady Bird: A Hora de Voar	30
4 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DE LADY BIRD	32
4.1 A relação com a figura materna	33
4.2 A relação com o pai	37
4.3 A persona Lady Bird	38
4.4 O catolicismo	39
4.5 Os cenários como símbolo de individuação	42
4.5 Figurino como símbolo da individuação	43
4.6 A reintegração de Christine	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem o escopo de analisar a representação do processo de individuação na narrativa cinematográfica *Lady Bird: A Hora de Voar* (2017) e o desenvolvimento da protagonista à medida em que evolui como indivíduo ao longo da trama. Esta pesquisa insere-se no campo dos estudos da narrativa e aborda, como tema, um olhar interdisciplinar fundamentado nos simbolismos da Individuação descritas por Carl Jung, a partir da personagem Christine, na obra cinematográfica *Lady Bird: A hora de Voar*, dirigida por Greta Gerwig. Aqui, o intuito é compreender o desenvolvimento psicológico da personagem; além disso, considera-se basilar a importância de entender por qual modo os estudos de Jung podem influenciar nas narrativas filmicas atuais.

A escolha desse tema justifica-se pela sua relevância acadêmica no campo da Literatura Comparada, considerando que o processo de individuação descrito por Carl Jung surge com uma grande contribuição para os estudos do desenvolvimento humano, o que permite perceber o emaranhado de elementos que compõem o *self*, marcando o processo em que um indivíduo busca tornar-se verdadeiramente consciente de quem é.

Diante disso, julga-se de supra necessidade entender e interpretar, através das narrativas filmicas, a psique individual e coletiva, bem como as formas possíveis de desenvolver a consciência humana em seu máximo potencial. Baseado nisso, nota-se que, há muitos anos, as obras cinematográficas têm ganhado grande espaço como um dos principais entretenimentos da humanidade, seja através do cinema ou, ainda, das grandes plataformas de *streaming*. Por essa questão, faz-se importante, portanto, utilizá-las como fonte de estudos acadêmicos, dada a riqueza estética e simbólica que possuem.

Sob esse prisma, acerca da produção da obra de Greta Gerwig, pode-se afirmar que aborda temas relevantes para a sociedade, assim como para os estudos do psicológico. Para além desse tópico, também possui grande valor no universo cinematográfico a obra em análise neste trabalho. *Lady Bird*, cabe ressaltar, recebeu diversas indicações ao Oscar de 2018; ganhou o Globo de Ouro de “Melhor filme - comédia ou musical”. Saoirse Norman (atriz que interpreta a protagonista), também ganhou, neste mesmo ano, o prêmio de melhor atriz por seu papel de Christine.

O meio cinematográfico sempre foi marcado pelas narrativas masculinas, por muito tempo mulheres foram consideradas incapazes de estar em posições que homens dominam desde o princípio. Apesar dessa premissa social que impedia mulheres de trabalhar em meios considerados masculinos, o cinema carrega grandes nomes de mulheres que impactaram positivamente a indústria cinematográfica, como Alice Guy-Blaché (1873-1968), que foi a primeira mulher diretora e roteirista do cinema francês, Agnes Varda, cineasta belga que produzia obras focadas em assuntos reais e levantando causas sobre o feminismo, entre outros grandes nomes que deram espaço para mulheres produzirem cinema. O filme *Lady Bird* marca um importante momento do Cinema Feminino, pois além de ser indicado a cinco categorias do Oscar, também foi o 13º filme dirigido por uma mulher a concorrer à categoria de melhor filme. Greta é dona de um extenso currículo de sucesso no Cinema, com diversos filmes indicados ao Oscar e ganhadores de prêmios importantes, como seu mais recente sucesso, *Barbie* (2023). Gerwig busca romper, através de suas obras, a cultura social que acredita que mulheres não devem produzir cinema e que as histórias femininas seriam “menos vendidas”, em comparação com os enredos masculinos.

É devido à grande riqueza simbólica e estética da obra que, em meio aos grandes sucessos de Gerwig, *Lady Bird: A Hora de Voar* foi escolhida como objeto deste trabalho. A obra cinematográfica oferece uma grande reflexão acerca do caótico processo de amadurecimento juvenil, da importância de lutar para se diferenciar – entretanto, sem esquecer sua verdadeira essência. Faz-nos refletir, também, acerca dos sacrifícios de uma mãe para criação de seus filhos, bem como da importância da conexão familiar na formação do caráter ético e moral do indivíduo.

No vasto campo das pesquisas comparatistas, é possível encontrar diversos estudos que unem teorias de desenvolvimento psicológico com obras cinematográficas, no entanto, *Lady Bird* (2017) não possui pesquisas com enfoque no processo de individuação junguiana. Pretende-se, através dessa pesquisa, ampliar o escopo de interpretações e aprofundar a compreensão da jornada de amadurecimento, integrando os conceitos da psicologia propostos por Jung.

Nesse jogo de análises, a compreensão do Simbolismo representado na obra não só aprofunda a avaliação estética do filme, mas também fornece informações

valiosas sobre a aplicação prática do conceito de individuação na construção da narrativa, enriquecendo o diálogo entre a Psicologia e a linguagem cinematográfica.

Isso posto, para efeitos de processos metodológicos, esta investigação adotou uma abordagem qualitativa, em consonância com a perspectiva de Kauark, Manhães, Medeiros (2010, p. 26), que destacam que “o processo e seu significado são os focos principais de abordagem”. No que concerne ao tipo de pesquisa, unem-se alguns aspectos da pesquisa documental e bibliográfica, haja vista ter tido como objeto de análise uma obra cinematográfica embasando-se nos preceitos teóricos da Teoria da Individuação.

Ela se configura, nesse quadro, como uma pesquisa descritiva, cuja principal função foi investigar e relatar os simbolismos do processo de individuação vivido pela protagonista da trama. Para tanto, foi realizada uma análise da narrativa filmica, baseada em conceitos narrativos, visuais e temáticos para identificar o processo de individuação na obra, bem como uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de individuação, arquétipo, narratologia e estudos fílmicos.

No que tange à organização, a pesquisa está dividida em cinco capítulos. O primeiro deles consiste nesta seção introdutória, que apresenta uma pequena contextualização acerca do que será tratado no decorrer das páginas, os objetivos, metodologia utilizada, entre outros aspectos. O segundo capítulo é um estudo acerca da individuação de Carl Jung, seus principais conceitos e características. O terceiro, por sua vez, trata-se de um estudo da linguagem cinematográfica, a relação de Carl Jung com a Literatura e o Cinema. Soma-se a isso um breve enredo da obra fílmica – que é objeto de estudo desta pesquisa. O quarto capítulo apresenta as análises acerca dos simbolismos da individuação da personagem, Christine, durante toda a narrativa fílmica, evidenciando e unindo características cinematográficas aos conceitos de Jung. Por fim, encerra-se com as considerações finais, retomando os resultados adquiridos na análise e apresentando reflexões acerca da narrativa. Pontuadas essas colocações, evidencia-se que a análise foi conduzida com base em estudiosos da Psicologia Analítica, a saber, Jung (2016), Stein (2020), e Murdock (2022) como grandes propulsores do conteúdo que dá base teórica, nos estudos do psicológico, para a construção dessa análise.

2 INICIANDO OS ESTUDOS DA INDIVIDUAÇÃO

Os seres humanos estão em constante desenvolvimento. Uma parte buscando sempre evolução, seja ela profissional ou pessoal. Diante disso, existe uma evolução que parte do princípio de tornar-se plenamente consciente de quem se é para, assim, evoluir. Esta evolução é descrita por Carl Gustav Jung (1875-1971) como processo de Individuação. Com o amparo dessas colocações, pontua-se que o princípio da individuação, proposto por Jung, trata-se de um instrumento para compreender as alterações sofridas na psique individual e coletiva ao longo da vida, além de se mostrar um método para o desenvolvimento da consciência humana.

Entender como esses processos se desenrolam através de um exemplo pertinente como as obras filmicas atuais pode ser uma rica colaboração para a área dos estudos psicológicos e comparatistas. Diante disso, para melhor compreender os estudos que envolvem o presente projeto, esta seção foi dividida em tópicos e subtópicos que apresentam autores e suas contribuições, além de esclarecer alguns conceitos básicos dos estudos do tema abordado.

2.1 A concepção junguiana de individuação

Carl Jung iniciou seus estudos de uma nova concepção da psicanálise, reunindo uma vasta gama de teses e temas que buscam entender a mente humana. Dentre suas conjecturas, a individuação é um de seus conceitos centrais. Refere-se, assim, ao processo pelo qual o sujeito pode tornar-se consciente de si mesmo, integrando e harmonizando os aspectos conscientes e inconscientes da personalidade. Neste viés, Jung (2000, p. 256) destaca que

Uso o termo "individuação" no sentido do processo que gera um "*individuum*" psicológico, ou seja, uma unidade indivisível, um todo. Presume-se em geral que a consciência representa o todo do indivíduo psicológico. A soma das experiências, explicáveis apenas recorrendo à hipótese de processos psíquicos inconscientes, faz-nos duvidar que o eu e seus conteúdos sejam de fato idênticos ao "todo".

O autor destaca a complexidade da constituição psicológica do ser humano, ressaltando que o indivíduo gerado através da individuação transcende a mera

identidade consciente e reconhece, desse modo, a presença e a influência dos processos inconscientes através das somas das experiências humanas. Portanto, a individuação implica na integração não apenas dos aspectos conscientes da psique, mas também dos elementos inconscientes, visando alcançar uma unidade psicológica mais completa e harmoniosa.

Os conceitos desenvolvidos nos estudos de Jung — como o inconsciente pessoal e coletivo, a persona, a sombra, anima e animus, o ego e o self — são fundamentais para compreender a formação da personalidade individual, que é o foco desta pesquisa.

2.1.1 O inconsciente pessoal e coletivo

Em um início de diálogo, assinala-se que compreender o processo do indivíduo em direção à sua totalidade psicológica, saber distinguir os conceitos de inconsciente pessoal e coletivo é parte essencial dos estudos, visto que a individuação surge da união de ambos. Diante disto, Jung (2016, p. 73) apresenta os conceitos que dão base à teoria explicando, em seus termos, que

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade.

Jung descreve o inconsciente coletivo como um nível da psique que não é moldado pelas experiências individuais, mas sim uma herança comum entre os seres humanos que nunca se tornaram conscientes. São conteúdos universais e inatos, transmitidos geneticamente aos indivíduos e são constituídos essencialmente por arquétipos.

Por sua vez, tais arquétipos configuram-se como formas ou padrões universais de comportamento que indivíduos adquirem através de mitos, sonhos e símbolos em diferentes culturas ao longo da história. O inconsciente pessoal, por conseguinte, é constituído por conteúdos que já foram conscientes em algum momento, entretanto, foram reprimidos. Desse modo, “enquanto o inconsciente

pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos” (Jung, 2016; p. 73).

No que se refere ao processo de individuação, o inconsciente participa das duas principais etapas para a concepção desse estado de evolução: o movimento analítico, que diz respeito ao processo de separação do inconsciente por meio da análise e o movimento sintético. Este, ao seu tempo, manifestado simultaneamente, está ligado à atenção que se deve tomar acerca das imagens arquetípicas do inconsciente coletivo quando estas surgem em sonhos, na imaginação ativa, entre outros meios (Stein, 2020, p. 20).

2.1.2 A persona

Jung apropriou-se do termo *persona* utilizado pelo teatro grego para referir às máscaras utilizadas pelos atores em suas peças. Na psicologia analítica junguiana, no que lhe toca, o termo refere-se ao arquétipo de adaptação utilizado por indivíduos para viver em sociedade. Stein (2020, p. 25) destaca:

A persona é construída, diz Jung, de porções do coletivo com as quais o ego se identifica e que funcionam para facilitar a adaptação ao mundo social circundante. A persona é efetivamente um “segmento da psique coletiva”, mas ela imita a individualidade. Sua existência pode ser, portanto, uma sutil inimiga da individuação, caso não se conscientize como “máscara”.

As ‘máscaras’ utilizadas pelo sujeito para interagir com o meio social, funcionam como uma espécie de fachada que esconde o verdadeiro eu, o *self*. Sua principal função é moldar o indivíduo à maneira na qual a sociedade os observa e o que querem que percebam sobre si mesmos. A persona também protege o ego das pressões sociais, como um filtro entre a identidade pessoal e o mundo exterior. Apesar de parecer benéfico para a adaptação social, ela não deve ser considerada como a totalidade da psique, apenas como um de seus aspectos, para que não percam o contato com seus verdadeiros desejos, sentimentos e características, o que pode, a algum custo, dificultar a individuação plena.

2.1.3 A sombra

A sombra, no conceito de Jung, representa os aspectos inconscientes da personalidade que a consciência tende a negar e reprimir. Tais aspectos incluem impulsos, características ou desejos que não são compatíveis com a autoimagem do indivíduo ou com a visão que ele deseja externalizar para o mundo e, por conta disso, são enviados pelo ego para o inconsciente.

Esse arquétipo possui seu lado aprazível, que está relacionado às qualidades positivas escondidas no inconsciente que o próprio indivíduo não possui conhecimento; e, evidentemente, seu lado negativo, que se pauta nas emoções lidas como negativas, que são projetadas em outras pessoas – tais como, a título de exemplo, a inveja e o ciúmes.

Para o processo de individuação, é necessário que haja o conhecimento desse lado sombrio do indivíduo, para que só assim possa-se alcançar sua totalidade psicológica e individuar-se por completo. Arrola, por essa base, Franz (1915, p. 25) quando afirma que “são justamente as pessoas que psicologicamente pouco conhecem da própria sombra e de seu lado sombrio as que têm mais probabilidade de se tornarem vítimas de influências maléficas.” É notório, portanto, que é preciso que haja o enfrentamento e integração dos aspectos da sombra, pois ignorá-las pode resultar em projeções negativas sobre outras pessoas, enquanto sua integração promove equilíbrio e amadurecimento psicológico.

2.1.4 Anima e animus

Os conceitos de anima e animus são parte fundamental da psicologia analítica de Jung, pois representam arquétipos da psique. O conceito de anima representa o lado feminino presente naqueles que se identificam como homens. O animus, por outro aspecto, representa o lado masculino naquelas que se identificam como mulheres. Esses arquétipos influenciam diretamente no comportamento dos indivíduos, seja positiva ou negativamente.

Embora a consciência do homem seja predominantemente masculina, seu inconsciente é marcado por características femininas, influenciadas pela anima. A integração desse arquétipo, ou a falta dele, impacta significativamente a vida do indivíduo, pois um homem que é dominado pela anima tende a projetar, em suas futuras parceiras, as figuras femininas significativas de sua vida tais como a mãe ou a irmã. Ao partir para o caso da tomada de consciência desse lado feminino, isso

desemboca no fato do homem abraçar aspectos femininos de sua psique e, dessa forma, tornar-se mais capaz de lidar com suas próprias emoções e de se relacionar de maneira mais saudável tanto com mulheres quanto com outras pessoas em geral.

O animus, de modo similar, representa os aspectos masculinos inconscientes em uma mulher, mas ao invés de projetar a figuras femininas, como a sua figura materna, ela tende a usar a figura do pai em seus futuros relacionamentos. Se na consciência da anima os homens tornam-se mais conectados com seu lado sentimental, as mulheres, ao tomarem consciência do animus, tornam-se mais racionais. Nisso, pode-se constatar que, ao se permitir ser dominada por esse lado, a mulher tende a possuir dependência, subserviência, juízos irrefletidos, preconceitos infundados e nota-se a presença de certezas não fundamentadas (Ramos, 2002).

É cabível marcar o que aduz, acerca dessas percepções, bem como sobre a questão dos arquétipos, a proposição de Stein (2020, p. 114) quando declara que

A anima é para um homem muito mais do que apenas a passagem para a sexualidade, não podendo ser comprada nem vendida. Como função da psique, a anima é autônoma, não sujeita às leis do coletivo. Na verdade, ela é o exato oposto disso, e como tal é o elo para todos os “instintos verdadeiros” de que fala Jung e para as imagens arquetípicas do inconsciente coletivo, as quais são capazes de produzir os efeitos benéficos necessários à personalidade em processo de individuação.

A anima e o animus são, diante do exposto, os instintos verdadeiros presentes no mais profundo do indivíduo. O entendimento destes conceitos, em sua integração ou seu desconhecimento, trazem impactos significativos na vida do sujeito, o que o torna passos essenciais para o processo de individuação.

2.1.5 O Ego e o Self

Para uma discussão propedêutica quanto à essa repartição da teoria, destaca-se o ego como a parte consciente da psique. É ele o responsável pela percepção do indivíduo do “eu”, ou seja, da forma como esse sujeto se vê e se identifica no mundo. É, por esse olhar, uma parte fundamental para fazer com que o sujeito funcione na vida cotidiana. Quanto a isso, arrolam Hall e Nordby (1972, p. 27) que

Ego é o nome dado por Jung à organização da mente consciente; e que se compõe de percepções conscientes, de recordações, pensamentos e sentimentos. Embora ocupe uma pequena parte da psique total, o ego desempenha a função básica de vigia da consciência.

O ego é, destarte, o centro da consciência, cujo papel é fornecer identidade e continuidade à psique, para manter uma coerência na personalidade individual. O *self*, por sua vez, está ligado à totalidade da psique, incluindo o consciente e o inconsciente. No que tange à etimologia da palavra, *self* significa “si mesmo”, mas sua conceituação é difícil de ser feita, no entanto, Hall e Nordby (1972, p. 43) define:

O self é o principal arquétipo do inconsciente coletivo, assim como o sol é o centro do sistema solar, o self é o arquétipo da ordem, da organização e da unificação; atrai a si e harmoniza os demais arquétipos e suas atuações nos complexos e na consciência, une a personalidade, conferindo-lhe um senso de unidade e firmeza.

O *eu* é compreendido como o núcleo da psique, uma força central responsável por organizar e dar sentido aos diferentes aspectos da personalidade, assim como o sol mantém os planetas em órbita. Esse arquétipo simboliza a busca pela completude e atua como um ponto de equilíbrio entre as dimensões conscientes e inconscientes.

Mais do que um conceito teórico, o self representa a integração das diversas partes da psique — desejos, medos, máscaras sociais e aspectos ocultos. Essa integração promove um senso de unidade interna e de coesão, conferindo maior estabilidade e prejuízos à personalidade. O eu, nesse contexto, orienta o processo de individuação, possibilitando a construção de uma identidade mais integrada e harmoniosa.

2.2 O Processo até a Individuação

Baseando-se na psicologia junguiana, o escritor e psicanalista Murray Stein, em seu livro *Jung e o Caminho da Individuação* (2020), traça uma linha a ser percorrida pelos indivíduos para chegar à individuação plena. Stein descreve esse processo como um projeto para despertar o desenvolvimento da consciência, que deve se desenrolar através do que ele nomeia como movimento analítico e movimento sintético. Ambos são de estrita importância para que o processo de individuação seja bem-sucedido.

A priori, o movimento analítico configura o primeiro passo citado por Stein (2020) para jornada da individuação. Ele acontece através da conscientização das

diversas resistências que reprimem a atividade mental genuína do indivíduo ou seus processos psicológicos. Jung descreve esse momento como um ato de “purificação” da psique; nele, o indivíduo deve analisar essas resistências para que, só assim, possa começar a jornada para se diferenciar dos demais. Sobre isso, Stein (2020, p. 23) aduz que:

Ao se tornar uma pessoa, o indivíduo deve necessariamente criar distinções e separação. O impulso para criar especificidade na consciência humana, para tornar-se quem ou o que o indivíduo é de modo natural, está radicado na natureza.

Segundo as palavras do autor, esse movimento que direciona à individuação não é algo que se possa escolher – embora, por diversas vezes, possa ser reprimido e impedido de evoluir de maneira mais eficiente. De modo geral, esse primeiro passo traz a diferenciação da *creatura* do *pleroma* que, em termos mais simples, refere-se à separação das qualidades coletivas com as quais o ser humano se identifica durante a vida e que o ajuda na adaptação no mundo para dar lugar a qualidades que estão separadas desse estado pleromático.

Jung (2013, p. 113), quando tratando da visão acerca do coletivo é direto em afirmar que “todos acreditam e desejam que o melhor e o mais ambicionado seja conseguir, tanto quanto possível, uma identidade com uma função diferenciada, pois isso trará as vantagens sociais mais evidentes”. Isso destaca as porções do coletivo que estão presentes na *persona* individual, que se adquire ao longo das vivências e que são o auxílio necessário para a adaptação ao ambiente social.

A individuação possibilita a diferenciação da psique coletiva e do ser humano com o que está ao seu redor. O movimento analítico é, portanto, uma autoavaliação, no qual o indivíduo toma consciência das figuras exteriores à psique. Essas, em seu lugar, formam a *persona*, que é construída através da identificação do ego com essas figuras coletivas apresentadas ao sujeito (pessoas, objetos, etc.)

O movimento sintético, por consequência, aparece como o segundo passo descrito por Stein. Por esse ângulo, o conceito se refere, principalmente, às imagens arquetípicas presentes no inconsciente que são manifestas, muitas vezes, em sonhos. Tais imagens arquetípicas fazem parte do inconsciente coletivo e Carl Jung traz um grande destaque para essas manifestações. Segundo ele, “o arquétipo indica a existência de determinadas formas da psique que estão presentes em todo tempo e em todo lugar” (Jung, 2014, p.51-52).

A inserção dos arquétipos serve como guia e descoberta para a integração dos aspectos diversos da psique, auxiliando no processo de tornar-se um indivíduo mais completo e autêntico. Eles fornecem uma linguagem simbólica através da qual o sujeito pode explorar e compreender sua própria natureza mais profundamente. Os seres humanos têm uma vida repleta de experiências e, dentre elas, são selecionadas, de formas conscientes e, ocasionalmente, inconscientes, as que são mais importantes e significativas.

Murray Stein apresenta o conceito de ego. Para o autor, é algo que registra emoções, sentimentos, imagens, pessoas etc. Identifica-se, assim, com esses conteúdos que são gravados no inconsciente e afirma que “uma ‘assimilação de conteúdos inconscientes’ deve ocorrer para que a individualidade se revele em sua plenitude” (Stein, 2020, p. 37). Isso destaca, eventualmente, a importância do movimento sintético para a jornada da individuação.

Apesar de referir à jornada de individuação como um “processo”, Murray Stein (2020, p. 43) nos diz que “a individuação sempre será um objetivo a se alcançar”, o que nos mostra que, apesar de haver alguns passos a serem percorridos, estaremos sempre em constante busca da individuação plena. Seguindo esta linha de pensamento, Silveira (2023, p. 100-101) argumenta que esse processo não se desenrola em progressão linear, mas funciona como um círculo evolutivo; logo, demanda muitos desafios:

Pelo menos duas confusões frequentes devem ser de início esclarecidas. Em primeiro lugar, não se pense que individuação seja sinônimo de perfeição. Aquele que busca individuar-se não tem a mínima pretensão a tornar-se perfeito. Ele visa a completar-se, o que é muito diferente. E para completar-se terá de aceitar o fardo de conviver conscientemente com tendências opostas, irreconciliáveis, inerentes à sua natureza, tragam estas as conotações de bem ou de mal, sejam escuras ou claras. Outro erro grave é confundir individuação com individualismo: “Vindo a ser o indivíduo que é de fato, o ser humano não se torna egoísta ordinário da palavra, mas está meramente realizando as particularidades de sua natureza, e isso é enormemente diferente de egoísmo ou individualismo”.

Segundo Silveira (2023), a individuação não faz do sujeito alguém sem falhas, não o transforma, como em um passe de mágica, em uma pessoa perfeita. Por outro lado, também não o torna alguém egoísta e individualista, apenas o auxilia na busca para tornar-se alguém completo, visto que toma consciência de aspectos que antes estavam perdidos em seu inconsciente.

2.3 A Individuação da Personagem Feminina

A construção de personagens complexos e bem estruturados representa um desafio significativo no âmbito da literatura e do cinema. Esse desafio amplia-se ainda mais quando se trata da representação de personagens femininas. Romper com estereótipos e clichês; buscar criar personagens femininas que sejam multifacetadas, autênticas e que possuam uma jornada de desenvolvimento genuína, ainda se mostra uma tarefa de muita dificuldade. Gonzaga e Marques (2022, p. 10) são incisivas neste aspecto e arrolam que:

Ao longo da história da humanidade, o lugar social da mulher passou por diversas transformações. A literatura – que, de certo modo, pode apresentar um retrato da sociedade (o que, nesse contexto, é conhecido como “mimese”, isto é, a imitação da vida real em uma obra literária) – torna perceptível a relação entre essa mudança do papel social e o comportamento da mulher, bem como a evolução da personagem feminina. Dessa forma, apesar de sempre presente no universo literário, seja como autora, escritora ou personagem, a forma de representação feminina está em constante transformação.

Essas mudanças na Literatura também acontecem nas obras cinematográficas. Por muitos anos, a figura feminina foi vista e retratada como frágil e dependente, e mesmo as narrativas que fugiam desses padrões, retratavam-na com uma figura estereotipada e hiper sexualizada.

A personagem feminina permanecia, nessas representações, com a função de auxiliar o grande herói em sua jornada ou, ainda, apenas como um prêmio a ser resgatado. Com as constantes mudanças no cenário literário e cinematográfico, as personagens femininas têm adquirido cada vez mais autonomia e espaço, tornando-se muitas vezes o foco principal da narrativa.

Nessa perspectiva, o livro *A Jornada da Heroína* (2022), de Maureen Murdock, dialoga e incorpora elementos da teoria da jornada do herói de Joseph Campbell, e retrata a trajetória e desafios que personagens femininas enfrentam durante suas jornadas. Diferenciando-se de Campbell, no entanto, Murdock procura enfatizar o percurso da heroína como uma chave para a reconexão da mulher com a sua natureza feminina. Sobre essa jornada, Medeiros (2019, p. 16) ressalta que

A jornada da heroína tem como princípio recuperar o significado da natureza feminina e valorizar o que é ser mulher em seus múltiplos significados, sempre questionando a oposição dual do que é socialmente definido como o arquétipo feminino e arquétipo masculino. É importante ressaltar que o

modelo apresentado não se encaixa necessariamente na experiência de todas as mulheres, nem se limita à experiência somente das mulheres.

A jornada da heroína, nesse viés, não possui um mapa ou passos a serem seguidos à risca, todavia, Murdock apresenta algumas etapas enfrentadas durante todo o percurso. Para a autora, “o movimento ao longo das etapas é cíclico e a pessoa pode estar em mais de uma etapa ao mesmo tempo” (Murdock, 2022, p. 24).

Nesse quadro, a jornada se inicia com a busca da heroína pela sua identidade; nessa etapa surge o despertar para a necessidade de mudança e crescimento; é, também, marcada pela rejeição do feminino. Dada a visão de fraqueza e inferioridade que a sociedade possui em relação às mulheres, a consequência percebida é que essas mulheres buscam cada vez mais a identificação e o pertencimento em um modelo de sociedade totalmente masculino. Segundo a autora, as mulheres que passam por essa etapa procuram sempre a figura masculina para direcioná-las, trazendo a sensação de se estar segura e verdadeiramente encaminhada para o sucesso de seu propósito.

A identificação com o masculino configura mais uma etapa dessa jornada individual. A desvinculação com o feminino pode trazer diversos obstáculos para a vida da mulher, como uma espécie de desequilíbrio dentro de si mesma, ocasionando cicatrizes, já que ela procura encaixar-se num modelo masculino que não supre a necessidade interna que ela possui de ser uma pessoa inteira (Murdock, 2022, p.27).

É precisamente nesse momento que começa a etapa que a autora chama de “descida”: é quando a mulher decide libertar-se da figura masculina. Esse processo é um momento delicado para a heroína; ao enfrentá-lo, é muito comum a existência de tristeza, fúria e sonhos de dissociação e morte. No entanto, é crucial para o início da nova etapa, a cura da ruptura mãe/filha e a reconexão – ainda que devagar e modesta – com o feminino.

O ideal descrito por Murdock (2022, p. 176) é que haja a integração do masculino e do feminino para que a heroína entre em um equilíbrio pleno. Segundo ela,

O masculino é uma força, não um gênero. Assim como o feminino, trata-se de uma força criativa que vive dentro de todas as mulheres e de todos os homens. Quando desequilibrada e sem vínculo com a vida, essa força se torna combativa, crítica e destrutiva.

Para a jornada ser bem-sucedida é preciso, portanto, curar-se desses desequilíbrios e entrar em harmonia entre as duas forças para que assim a heroína consiga evoluir de maneira completa. Aceitar suas partes que antes eram ignoradas ou escondidas e se reconectar com seu eu; analisar o que necessita de reparos e trabalhar para chegar à sua melhor versão.

3 A LITERATURA, A PSICOLOGIA ANALÍTICA E O CINEMA

Neste capítulo, por tratar-se de uma pesquisa cujo objeto é uma obra filmica, fez-se necessário discorrer sobre a linguagem cinematográfica, e a ligação entre a teoria da individuação e o cinema de modo geral. Será destacado também, uma breve biografia da autora e diretora do filme *Lady Bird: a hora de voar*, que foi analisado no presente projeto, para ambientar e facilitar a compreensão da análise do filme.

3.1 A linguagem cinematográfica

O cinema é a arte que une imagem, som, edição e interpretação para dar ao telespectador uma experiência imersiva, narrar histórias, evocar emoções e transmitir mensagens, causando a catarse daqueles que se permitem ser impactados pelas riquezas das obras cinematográficas. Para que a experiência ocorra de maneira harmônica e efetiva, cineastas utilizam de algumas ferramentas essenciais para construção de um longa-metragem, são elas: o enquadramento, os planos, ângulos de filmagem, o movimento de câmera, a luz, os cenários e figurinos, o som e a montagem.

O ponto de partida para a obra cinematográfica é o enquadramento, segundo Martin (2005, p. 44-45), “trata-se da composição do conteúdo da imagem, quer dizer, da maneira como o realizador planifica e, eventualmente, organiza o fragmento de realidade que apresenta à objetiva e que se encontrará de forma idêntica na tela”. Esse artifício é o que possibilita escolher e delimitar o que o espectador vê e o que não vê, apenas mudando os planos de acordo com a necessidade vista pelo diretor.

O plano, por sua vez, trata-se da distância que a câmera está do objeto a ser filmado, proporcionando clareza para a narração. Como o enquadramento e os planos, existem também os ângulos de filmagem, que de igual modo, contribuem para a compreensão da narrativa, dando enfoque ao que a obra necessita, podendo guiar a visão do espectador para um detalhe que pode ser crucial para a história.

Ainda tratando de imagem, os movimentos de câmera, chamados de *travelling*, partilham de papel fundamental nas obras cinematográficas. É esse o responsável por proporcionar dinamismo às cenas, podendo representar um movimento físico de um personagem, uma confusão mental, uma tontura, e até mesmo ampliar a tensão de uma cena.

A luz é, de igual modo, um elemento imprescindível para a construção da obra filmica. Elas “constituem um fator decisivo de criação da expressividade da imagem” (Martin, 2005, p. 71). Sua percepção, no entanto, não é facilmente notada pelos espectadores, mas é crucial para a construção da atmosfera e ambientação da narrativa. O uso de cores pode auxiliar a transmitir determinados sentimentos e sensações, como tons quentes representando o verão; ou tons frios evocando distância e melancolia. Outro fator de relevância é o figurino das personagens. Sobre o qual Martin (2005, p. 76) aponta:

Se se pretender caracterizar o cinema como um olho indiscreto que vagueia em torno do homem, observando as suas atitudes, os seus gestos, as suas emoções, é necessário admitir que o vestuário é aquilo que está mais próximo do indivíduo, aquilo que, unindo-se à sua forma, o embeleza, ou, pelo contrário, distingue e confirma a sua personalidade.

O figurino é a peça auxiliadora na construção dos personagens. Sua função, por exemplo, paira em torno da determinação do tempo, o espaço e a cultura em que a obra está inserida. Se há temperatura elevada naquele ambiente, os figurinos serão roupas leves; por outro lado, em caso de estar frio, o figurino será pesado, cheio de camadas.

Se a obra se passa em gerações passadas, as roupas serão condizentes com as vestimentas da época, tudo isso para trazer mais naturalidade e proximidade com a realidade. Além disso, a produção da composição das vestes deixa pistas acerca da personalidade daqueles que as utilizam. Juntamente com os figurinos, os cenários partilham função semelhante: eles criam o plano de fundo onde a narrativa irá acontecer, podendo ser carregado de símbolos significativos para o desenrolar da obra.

O som foi a ferramenta que revolucionou o cinema nos anos 1926, tomando um território antes dominado apenas por imagens. Marcada através de diálogos, ruídos e trilhas musicais, essa ferramenta atua como um criador da atmosfera filmica. É a responsável por transportar o espectador para dentro da obra, podendo

criar desde momentos de tranquilidade até o mais tenso clímax da história. O som, ou a ausência dele, tornaram-se tão fundamentais quanto as imagens para o universo filmico.

O Cinema, em muitos momentos, comunica-se através das entrelínhas, dando ao público a oportunidade de desvendar o que está se passando diante de seus olhos. Para isso, são utilizados símbolos, elipses e metáforas. Conforme Martin (2005, p. 95),

De facto, quem pode mais, pode o menos. Capaz de mostrar tudo e conhecendo o formidável coeficiente de realidade de que é afectado tudo o que aparece no ecrã, o cineasta pode e deve recorrer à ilusão e fazer-se compreender por meias palavras.

As elipses, de modo sucinto, são pequenos cortes que o diretor utiliza para omitir eventos, pular de um período de tempo para outro, utilizando de meias palavras para que o público preencha as lacunas no decorrer da narrativa. É nesse momento que, geralmente, utilizam também as ligações e transições na hora da montagem, para construir ritmo e significado para a obra.

Já as metáforas, por sua vez, são quando cenas utilizam elementos ou situações que representam algo mais amplo e cheio de significados, os símbolos, por sua vez, utilizam de objetos que funcionam como símbolos que remetem a algo importante na obra.

A linguagem cinematográfica é, pois, um meio rico que utiliza de ferramentas cruciais para dar ao filme uma estética rica e agradável, além de possibilitar ao espectador a melhor experiência possível. Isso é o que faz do cinema uma arte tão poderosa e universal, agradando a muitos públicos e de diferentes maneiras.

3.2 Psicologia Analítica, Literatura e Cinema

Os estudos de Carl Jung constituem uma vasta contribuição para a Psicologia, mas suas colaborações não se limitam a essa área. A Literatura e o Cinema são dois campos que são impactados pelos estudos da psicologia analítica junguiana. Sua teoria da individuação, juntamente com seus conceitos de arquétipo, simbolismo e inconsciente coletivo trouxeram novas possibilidades para escritores e cineastas, visto que grandes produções, sejam elas literárias ou audiovisuais, podem partir de temas universais e símbolos arquetípicos.

Um dos fatores centrais em que os estudos de Jung contribuem para as artes, como a Literatura e Cinema, é a construção da verossimilhança da obra. Sob esta visão, Aristóteles (2008, p. 68) aponta que a verossimilhança é a capacidade de um texto parecer real.

Tanto nos caracteres como na estrutura dos acontecimentos, deve-se procurar sempre ou o necessário ou o verosímil de maneira que uma personagem diga ou faça o que é necessário ou verosímil e que uma coisa aconteça depois de outra, de acordo com a necessidade ou a verossimilhança.

Aristóteles ainda destaca a importância da verossimilhança nas artes, defendendo que mesmo fictícias, as histórias devem trazer caracteres que possibilitem a conexão do público com elas. O verossímil não está apenas ligado à plausibilidade dos acontecimentos, mas à coerência interna da obra e à consistência psicológica dos personagens. Essa união é o que possibilita a experiência artística harmoniosa entre o espectador e a narrativa, provocando emoções autênticas e impactos positivos para aqueles que estão em frente à tela.

É nesse momento, mais precisamente, que Jung inicia suas contribuições. Através de seus estudos sobre arquétipos e inconsciente coletivo é possível criar um vasto entendimento sobre as motivações e características psicológicas mais profundas dos personagens.

Os arquétipos servem como um espelho que permite que o indivíduo se identifique com histórias e personagens que ecoam aspectos de sua própria psique. A teoria junguiana torna-se, portanto, um fator enriquecedor para a análise literária, mas também revela o poder da literatura de se tornar um canal de auto descoberta e transformação.

Na Literatura e no Cinema, estes conceitos são essenciais para criar obras que ressoem ao público. Um romance, ou um filme de sucesso, vai para além de uma trama envolvente ou efeitos visuais bem executados: esse tipo de narrativa possui complexidade na construção de seus personagens, mergulhando nas profundezas da psique humana e trazendo elementos de identificação com o público que o lê ou o assiste.

A implementação da verossimilhança com os estudos da psique humana de Jung, faz com que as histórias tragam reflexões sobre si mesmos, revelando verdades universais através das lentes da ficção.

3.3 Uma síntese de *Lady Bird: A Hora de Voar*

Lady Bird: A Hora de Voar, filme de 2017, foi o primeiro filme escrito e dirigido por Greta Gerwig, atriz, roteirista e diretora norte-americana. A obra marca um importante momento no cinema feminino, uma vez que, além de ser indicado a cinco categorias do Oscar, também foi o 13º filme dirigido por uma mulher a concorrer à categoria de melhor filme. Ganhador do Globo de Ouro em 2018, a comédia dramática de Greta teve grande repercussão no cinema feminino.

Ambientado no ano de 2002, a trama conta a história de Christine McPherson (interpretada por Saoirse Ronan), uma adolescente que está no último ano do seu ensino médio e que vive na pacata cidade de Sacramento. Na busca por ingressar em uma faculdade, Lady Bird, como se autonomeou, tem o desejo de sair da pequena cidade em que nasceu e conhecer mais do mundo; no entanto, sua mãe, Marion McPherson (interpretada por Laurie Metcalf) não concorda.

A protagonista, dona de uma forte personalidade, se divide em planejar sua ida para a faculdade na Costa Leste e seu último ano na escola católica onde estuda. Christine aproveita os momentos finais do ensino médio vivendo novas experiências antes de ir para a graduação; dentre elas, ingressa no teatro da escola, consegue seu primeiro namorado, vai a festas, conhece novos amigos e passa por diversas situações e conflitos.

Após flagrar seu namorado, Danny (interpretado por Lucas Hedges), beijando outro garoto em uma festa, Lady Bird começa a cogitar uma nova paixão ao conhecer Kyle (interpretado por Timothée Chalamet), um típico galã adolescente que participa de uma banda, partilha de uma personalidade indiferente em relação a tudo no mundo, acredita que as guerras são o grande mal da humanidade e nada menor que isso deve ser digno de importância.

Uma pequena conversa entre Kyle e Lady Bird foi o suficiente para que a protagonista moldasse toda sua personalidade para ter traços em comum com sua paixão. Movida por isso, ela procura aproximar-se da garota popular da escola católica, Jenna Walton (interpretada por Odeya Rush), enquanto mente sobre grande parte de sua vida para ser aceita por ela e pelo grupo. Nesse processo,

Christine acaba se afastando de sua melhor amiga de infância, Julie (interpretada por Beanie Feldstein).

Ao iniciar seu namoro com Kyle e começar um novo ciclo de amizade com pessoas com ideias convergentes às suas, Lady Bird vai cada vez mais adaptando sua personalidade e criando mentiras sobre si mesma. Enquanto vive essa vida paralela, mentindo sobre sua vida, em casa, Lady Bird vive em constante guerra com seus familiares. Sua mãe, Marion, é a quem a personagem mais direciona sua revolta adolescente, ocasionando diversas discussões entre as duas.

Já o seu irmão Miguel (Jordan Rodrigues) e a namorada Shelly (Marielle Scott), que também vivem sob o mesmo teto que a protagonista, também partilham de conflitos com Lady Bird. O pai de Christine, Larry, é com quem a personagem possui maior afinidade e carinho. Sua família vive numa pequena casa de dois quartos, e passam por dificuldades financeiras após o pai de Christine perder o emprego. A convivência em família é permeada de brigas e discussões, mas também de pequenos momentos de união respeitosa, o que dá a eles as características de uma família comum.

Após diversos incômodos momentos ao lado de seu novo ciclo de amigos, Christine finalmente consegue ter coragem de abandoná-los e ir atrás de sua amiga Julie para irem juntas ao baile e curtirem sua última noite escolar antes da faculdade. Mesmo com todas as dificuldades financeiras enfrentadas por sua família, Christine, com a ajuda de seu pai, consegue ir para uma faculdade em Nova York, contra a vontade de sua mãe.

Ela parte para essa nova fase de sua vida, carregando a mágoa de um desentendimento com sua mãe, que nem mesmo desce para se despedir no aeroporto. Ao chegar em Nova York, acaba indo parar no hospital por conta de um coma alcoólico, o que a faz repensar sobre suas atitudes e ir em busca de fazer as pazes com sua mãe. Na busca por identidade, a relação com sua família e amigos é extremamente afetada durante o processo para que Lady Bird entenda quem realmente é.

Nesse quadro, entre brigas e momentos de ternura, o filme explora as contradições do relacionamento entre mãe e filha, atrelado ao desejo de Lady Bird

de definir sua própria vida, culminando em uma jornada de autodescoberta e amadurecimento pessoal.

4 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DE LADY BIRD

Conforme os objetivos estabelecidos, neste capítulo discutir-se-ão os principais momentos da trama que simbolizam a jornada de individuação da personagem Lady Bird, sua relação com os membros de sua família, a sua ligação com o catolicismo, os simbolismos presentes nos cenários e figurinos da obra e sua reintegração e chegada ao final da jornada de individuação.

4.1 A relação com a figura materna

A separação da figura da mãe configura o primeiro passo para iniciar a jornada de individuação. Todavia, nas personagens femininas, essa relação mãe e filha é ainda mais significativa. Segundo Adrienne Rich (apud Murdock, 2022, p. 33)

A mãe representa a vítima dentro de nós, a mulher sem liberdade, a mártir. Nossa personalidade parece perigosamente borrar-se e justapor-se à de nossa mãe. E numa tentativa desesperada de saber onde termina a mãe e começa a filha, realizamos uma cirurgia radical.

Na psicologia analítica, a figura materna possui dois lados: o arquétipo da Grande Mãe, acolhedora e protetora; e o da Mãe Terrível, que representa a “incapacidade de agir, sufocamento e morte” (Murdock, 2022, p. 39). Ambas influenciam no processo de individuação feminina.

As filhas costumam internalizar a figura da Mãe Terrível sem levar em consideração aquilo que suas mães vivenciaram em suas experiências pessoais, o que as leva a uma reação em cadeia, onde a relação mãe e filha é diretamente afetada. Tal fato pode ser observado em grande parte das narrativas filmicas e contos de fada; nessas narrativas, a mãe das personagens sempre está morta ou, quando vivas, a relação com a protagonista é sempre conturbada e cheia de conflitos.

A relação de Lady Bird e sua mãe é dividida entre diversos conflitos e pequenos momentos de afeto. Marion é uma mãe trabalhadora, muito preocupada com o futuro dos filhos, mas é também severa na maneira como demonstra toda essa preocupação. Ela teme que a filha não esteja preparada para os grandes desafios e dificuldades do mundo real. Portanto, não concorda que ela deixe Sacramento para fazer faculdade em outra cidade.

Christine, na busca por se diferenciar de sua figura materna, adota um novo nome, diferente do nome que recebera de batismo, o que reforça a ideia de sua busca por uma identidade, diferenciando-se da identidade imposta por sua família. Sua nova persona é uma maneira de construir uma nova imagem de si mesma.

Marion é uma mulher adulta, realista, cujas responsabilidades inundam seu dia a dia. É uma mulher racional, preocupada, que está sempre buscando o melhor para a família. Já Lady Bird, como o nome revela, é um espírito livre, preocupada apenas com encontrar a liberdade e seu lugar no mundo. As vivências da mãe fazem com que ela entenda da vida e tenha medo do futuro, enquanto Lady Bird, uma jovem adolescente, só quer viver alguma experiência nova.

O conflito das duas partes principalmente de que ambas são o completo oposto uma da outra. A mãe não entende as atitudes da filha, e a filha não entende os motivos das ações da mãe. Tudo que Marion deseja é preparar a filha para o mundo real, fazendo-a uma extensão de si mesma, enquanto tudo que Lady Bird deseja é justamente se diferenciar da figura da mãe.

Ao encarar a vida que sua mãe leva em Sacramento, é comum que Lady Bird procure rejeitar tornar-se como ela. Segundo Murdock (2022, p. 40), “Algumas mulheres têm medo não apenas de ser como sua mãe. Na verdade, elas têm medo de se tornarem sua mãe.”. Christine tem medo de viver a vida que sua família vive, com dificuldades financeiras, sem nunca sair da pequena cidade que mora a vida toda e tornar-se como Marion.

A garota almeja conhecer novos lugares e isso demonstra que a personagem já está iniciando sua jornada rumo à individuação plena. No entanto, por tratar-se de uma adolescente, sua mente, ainda não amadurecida o suficiente, faz com que ela se perca durante o caminho, o que atrasa um pouco seu processo de evolução pessoal. É bastante comum que um indivíduo em processo de individuação percorra caminhos tortuosos e se perca durante a caminhada, considerando que a individuação não é um processo linear. Entretanto, o ato de Marion de desencorajar a filha a seguir novos caminhos, atrapalha sua jornada de individuação e influencia na formação de sua personalidade lida como difícil.

Essa relação das duas é representada em diversas cenas do filme. A seguir, segue-se imagens.

Figura 1 - Christine e Marion, cena inicial.



Figura 2 - O carro.



Figura 3 - O gesso de Christine.



Fonte: Frames retirados do filme *Lady Bird: A Hora de Voar* (2017)

O filme tem início com um frame que mostra Marion e Christine dormindo uma de frente para outra (Figura 1), o que demonstra que o foco da obra serão os conflitos entre as duas e que essa relação deve ter maior atenção do público

espectador. Entre as cenas da obra que demonstram este relacionamento conturbado, na parte inicial do filme (Figura 2), as duas voltam para casa após a visita da faculdade ouvindo "As Vinhas da Ira", de John Steinbeck. Marion está dirigindo, enquanto Christine está ao seu lado.

Ambas estão bastante emocionadas, mas ao fim do *audiobook*, Christine quer colocar na rádio, enquanto sua mãe quer que elas tenham alguns minutos de silêncio para refletir sobre o que acabaram de ouvir. Esse pequeno conflito de ideias é suficiente para iniciar uma discussão entre as duas e para que Lady Bird se jogue do carro em movimento.

Esse trecho que inicia a obra fílmica está repleto de simbolismos. Marion estar dirigindo o carro demonstra seu instinto controlador, que está sempre buscando decidir o rumo que a filha deve tomar. Ela é a provedora e é a figura que impõe as regras na casa. Sua posição ao volante reflete que ela quer sempre estar no controle da vida de toda sua família – no ponto de vista de Lady Bird.

Essa cena também mostra que Marion estar na direção simboliza que ela se sente a responsável por “levar” Christine a um futuro seguro, mostrando a ela o caminho certo a se seguir. Christine, por sua vez, está na posição de passageira, o que representa sua posição de dependência em relação à mãe. Mesmo com sua busca por novas experiências, ela continua sendo levada por Marion ao futuro que a mãe deseja que ela siga.

O carro é um símbolo de opressão parental. A decisão de pular do carro reflete o desejo da protagonista em desvincilar-se do controle autoritário de sua mãe. Christine não quer mais ser passageira de sua mãe, quer tomar as rédeas e decidir por si própria o caminho a se seguir. É nesse momento que pular do carro torna-se o símbolo de sua busca por liberdade e independência, em um lugar onde sua mãe não toma as decisões sobre seu futuro.

Parte do processo de individuação está ligado a essa separação familiar para o indivíduo trilhar por conta própria um caminho para o amadurecimento psicológico, e o pulo de Lady Bird do carro, marca esse início de jornada da personagem.

Após a cena do carro, Lady Bird aparece com o braço engessado, nele uma frase escrita com o intuito de ofender a sua mãe (Figura 3). A figura do gesso representa muito mais que apenas a consequência do ato da personagem de pular de um carro em movimento, é a representação da rigidez, da falta de flexibilidade

dos pensamentos de Lady Bird em relação a sua mãe e as demais pessoas de seu ciclo. Christine vive “engessada” psicologicamente, sem aceitar outros pontos de vista e sem aceitar verdades que não sejam as que ela considera corretas.

Diante disso, pode-se inferir que a frase com as ofensas direcionadas a sua mãe escritas no gesso representa as feridas abertas causadas pelas palavras duras de Marion e os machucados causados durante os conflitos entre as duas. É necessário que Christine se cure dessas feridas; e, desse modo, torne-se mais compreensível, livrando-se dessa personalidade engessada, e reconciliando-se com sua mãe para que a sua jornada de individuação seja completa.

4.2 A relação com o pai

Em contraponto à rejeição da figura materna, a identificação com o pai é comum para as mulheres. O pai é sempre o aliado, aquele em que a personagem feminina recorre durante sua jornada. Apesar da difícil relação de Christine com sua mãe, a garota tem uma ótima relação com o pai, Larry. Ele é quem a apoia na inscrição de outras faculdades e apazigua os conflitos entre ela e a mãe.

Sua relação com o pai é de parceria, Larry é como um ponto de apoio emocional para Lady Bird, oferecendo acolhimento e a aceitação que a personagem não recebe de sua mãe na maior parte do tempo. Ele atua como um mediador indireto dos conflitos entre Christine e Marion e é visto pela filha como um lugar seguro para se expressar sem receber represálias, o que é crucial para seu processo de amadurecimento e evolução.

Para Murdock (2022, p. 51) “a aprovação e o incentivo do pai à menina, levam a um desenvolvimento positivo do ego” e, na obra, a relação de Christine e Larry possibilita que a personagem explore sua autonomia, contribuindo para o desenvolvimento de uma identidade sólida.

A figura paterna é crucial para a individuação, ela representa a proteção e o aporte emocional. Em seu aspecto positivo, ele oferece o apoio e o encorajamento necessário, impulsionando os indivíduos para encontrar sua vocação e superar desafios. No caso de Lady Bird, a maneira como ela enxerga seu pai é o que simboliza seu amadurecimento.

Larry enfrenta muitas dificuldades econômicas e emocionais. Ele está desempregado e enfrentando uma depressão de muitos anos. Mesmo com todas as suas lutas internas, não desiste de procurar emprego e voltar ao seu posto de

provedor da casa; além de fazer o possível para que sua filha consiga ir para a faculdade. Christine não percebe as dificuldades e fragilidades do pai inicialmente, mas, à medida em que vai amadurecendo, passa a reconhecer os problemas e os sacrifícios feitos por ele para sua criação.

4.3 A persona Lady Bird

O pseudônimo *Lady Bird* (traduzido para o Português, Senhora Pássaro), reflete o desejo de liberdade de Christine, a vontade que a protagonista tem de voar com suas próprias asas. *Lady Bird* é um nome que demonstra liberdade e excentricidade. O uso do termo “Lady” traz uma certa sofisticação, enquanto “Bird” remete a voar e ao desejo de se sentir livre, que são as características que Christine deseja incorporar em sua personalidade.

No filme, a personagem diz que é o nome que ela deu a si mesma, o que reforça ainda mais que a criação do nome é uma maneira que a adolescente encontrou de expressar quem ela gostaria de ser. A escolha de um novo nome é também um ato de rebeldia, já que ela se desprende do que foi dado por seus pais ao nascer e, portanto, da identidade proposta a construída em seu núcleo familiar.

A personagem, por se tratar de uma adolescente com sensações e atitudes complexas, está dividida entre o sentimento de tornar-se singular, mostrando-se diferente dos demais, bem como a necessidade juvenil de fazer parte de um grupo. Essas emoções conflitantes fazem-na ter atitudes que, em diversos momentos, tornam-se contraditórias no contexto teórico de individuação – todavia, são compreensíveis, uma vez que um indivíduo em formação tende a ter momentos de “altos e baixos” para evoluir por completo.

Na perspectiva de Jung (apud Stein p. 25), “os seres humanos possuem uma faculdade que, embora seja da maior utilidade para propósitos coletivos, é sumamente perniciosa para a individuação; trata-se da faculdade da imitação”. Christine, mesmo procurando ser singular em meio às demais pessoas, também possui uma grande força que a leva a procurar se encaixar no ambiente através da imitação.

A persona criada por Christine é uma garota cheia de atitude, que mora num bairro nobre de Sacramento, é rebelde e infringe regras. A garota cria essa

personalidade para se adaptar ao ambiente e fazer amizades com determinado grupo. Na psicologia junguiana, a persona funciona como uma espécie de máscara que permite que um sujeito se comporte como alguém que não se é, “é a máscara ou fachada ostentada publicamente com a intenção de provocar uma impressão favorável a fim de que a sociedade o aceite” (Hall e Nordby, 1972, p. 36).

Para fazer parte de determinado grupo de sua escola, Christine enfrenta um conflito entre o ego e a persona criada por si mesma. Nesse conflito é possível perceber as comparações que a moça faz de sua vida com a de outras garotas de sua escola. Isso desperta nela a necessidade de abandonar as qualidades do ego, que representam a visão consciente que tem de si mesma e, dessa forma, criar uma persona que consiga agradar seus colegas e a torne parte daquele universo particular em que vivem.

Em diversos momentos, Christine se põe em situações que a deixam desconfortável, no entanto, a persona vence o ego. Ela acaba por concordar com os diversos cenários dessas amizades conturbadas, perdendo parte da visão de si mesma e, assim, tornando-se mais uma porção do coletivo, que é o caminho inverso para a individuação. Parte do processo para evolução psicológica é livrar-se das influências do coletivo, pois é um impulso fundamental para se diferenciar do que está ao seu redor. Para chegar ao fim do ciclo de individuação, Christine precisa, pois, deixar a persona criada para incluir-se no meio social e reconectar-se verdadeiramente com o *self*, que está relacionado aos traços de sua personalidade e a sua essência que precisam ser trabalhados para que possa evoluir de maneira plena.

Quando Lady Bird rejeita as vontades de seus amigos e decide ir ao baile, essa recusa representa uma negação às porções do coletivo que a dominavam e impediam que seu processo de individuação tivesse continuidade. Representa, ainda, a tomada de consciência da personagem diante das características que antes estavam presas em seu inconsciente.

4.4 O catolicismo

O filme de Greta Gerwig é permeado de simbolismos da cultura cristã, sem gerar críticas ou apologias à religião. O próprio nome da personagem evidencia indícios das influências cristãs presentes na obra. Christine vem de “Cristo” e significa “cristã” ou “ungida por Deus”. Sua mãe também possui um nome bíblico, Marion (diminutivo de Maria), que representa a mãe de Jesus.

Em diversas cenas os símbolos do catolicismo se fazem presentes de modo sutil, sempre com um aspecto em comum: trazer para a tela os sentimentos de amor, tolerância e respeito, que são a essência da cristandade e que afetam diretamente o processo de individuação da protagonista. Christine possui uma postura bastante irreverente em relação à fé. Em dados momentos, a personagem demonstra sua rejeição em relação às regras impostas pela escola cristã em que estuda.

Sua postura de rebeldia reflete sua repulsa à autoridade, seja da religião, da escola ou de sua própria mãe. Apesar das muitas situações de desacato à divindade cristã, Christine partilha também de momentos de aceitação e até de uma certa reverência implícita. É possível identificar esses simbolismos em cenas importantes da obra cinematográfica; ademais, os objetos católicos aparecem sempre em segundo plano em grande parte dos frames, como demonstra as imagens abaixo:

Figura 4 - cruz ao fundo do auditório.



Figura 5- Miguel e seu pai na entrevista de emprego



Figura 6 - Imagem de Maria ao fundo do frame



Fonte: Frames do filme “Lady Bird: A Hora de Voar” (2017)

Para exemplificar essa cultura do amor e tolerância que permeiam a cristandade retratadas no filme, destacam-se três cenas importantes: a primeira é a cena em que Larry encontra seu filho mais velho, Miguel (interpretado por Jordan Rodrigues) indo competir pela mesma vaga de emprego (Figura 5) e a atmosfera da obra não é de raiva ou competitividade entre pai e filho, mas de apoio e afeto.

A instituição familiar é um dos pilares centrais dos valores promovidos pela religião. A relação afetuosa e acolhedora da família Mcpherson durante certos momentos, tornam explícito os traços do cristianismo presentes na obra. A segunda cena é quando a irmã Sara Joan (interpretada por Lois Smith) leva Lady Bird à sua sala em resposta a uma pegadinha feita pela protagonista (Figura 4).

No lugar de sofrer represálias, Christine troca risadas com a freira. Mais uma vez o ambiente surpreende o telespectador, quebrando a expectativa de uma cena com brigas e desentendimentos. Isso acaba por dar ao público mais uma cena regada pelo amor, afeto e tolerância cristã. Neste frame, a câmera, que está em um plano aberto, mostra ao fundo a imagem da santa, o que reforça o simbolismo católico à cena.

Os traços da cultura católica também se manifestam na personagem Marion, que é a personificação do sacrifício. Inicialmente, Christine rejeita os sacrifícios feitos por sua mãe e os enxerga como opressão e autoritarismo; no fim, todavia, comprehende todo amor e dedicação por trás dele. Esse reconhecimento é o que leva Lady Bird ao seu amadurecimento e individuação. Os elementos da cultura cristã funcionam como norteadores para que a protagonista reflita e defina seus próprios valores, fornecendo metáforas e arquétipos que ela, conscientemente ou não, utiliza para encontrar a si mesma e fazer suas próprias escolhas.

4.5 Os cenários como símbolo de individuação

O cenário de Lady Bird, muito além de um simples plano de fundo para a narrativa, é também um reflexo simbólico da jornada de individuação da protagonista. A cidade de Sacramento funciona como o cenário central e, na visão de Lady Bird, a cidade é a representação da mediocridade e da estagnação.

Embora Christine tenha o desejo de sair da cidade e encontrar novos caminhos, o nome da cidade sugere sua importância para sua jornada de individuação. O nome *Sacramento* é de ordem religiosa, derivada do latim *sacramentum*, significa “ritos sagrados”, como o batismo e a eucaristia, por exemplo. Sacramento é, portanto, seu “rito sagrado”, o lugar onde sua identidade será moldada e a experiência que ela precisa vivenciar para alcançar a maturidade psicológica.

Sacramento simboliza a vida que a protagonista quer transformar. Seu olhar para a cidade, durante a narrativa, é de desprezo e rejeição. No fim do filme, Christine percebe que a cidade é parte importante de quem ela é, o que contribui para a consciência do *self*.

A cidade natal de Christine possui bairros de diferentes níveis socioeconômicos. Sua casa está localizada na parte mais humilde da cidade, ou em

susas palavras “do lado errado dos trilhos”, o que desperta em Lady Bird sentimentos de inadequação e não pertencimento e, em síntese, reforça seu desejo de transcender as limitações econômicas de sua família.

A casa é, também, cenário de acolhimento familiar. É onde as breves cenas de afeto entre ela e membros da sua família ocorrem. Seu quarto, funciona como seu subconsciente, é lá onde estão armazenadas suas vivências e lembranças mais importantes. Em suas paredes estão traços de sua personalidade em formação, por exemplo. Ao final do filme, quando as paredes são pintadas de branco, a cena busca simbolizar que a personagem está se desprendendo de sua infância e das vivências de Sacramento, iniciando uma nova página em branco; agora com uma nova mentalidade e forma de ver a vida.

A escola católica também é um dos principais cenários de Lady Bird e funciona como uma extensão da opressão e estagnação de Sacramento. Para a protagonista, a escola é o ambiente onde se sente presa e impossibilitada de expressar sua verdadeira personalidade. Sua visão negativa da escola é desmontada ao final da narrativa, quando ela percebe que o catolicismo é também parte da construção de sua identidade.

A faculdade em Nova York, para Lady Bird, representa o oposto de Sacramento, é a oportunidade de liberdade que a personagem tanto busca. Representa a nova fase de sua vida, agora com mais maturidade e uma nova visão acerca de si mesma e de suas origens. Os cenários representam parte da construção das subjetividades de Lady Bird, dando a ela características próprias que as diferenciam dos demais.

A tomada de consciência da protagonista acerca da importância desses ambientes em sua formação é o que direciona sua evolução pessoal. Lady Bird comprehende que mesmo que os tenha rejeitado inicialmente, ambos fazem parte da construção de sua personalidade; logo, as experiências vividas lá é o que determinam seu caráter familiar, social e espiritual.

4.5 Figurino como símbolo da individuação

O figurino utilizado por Lady Bird vai muito além de representar os anos 2000 (época em que o filme se passa). Esse tópico é um reflexo da sua busca por identidade e simboliza, de igual modo, a sua jornada de individuação. As roupas da

personagem vão se adaptando à medida em que ela vai se descobrindo e, com regularidade, se adapta conforme o grupo em que ela está inserida.

Lady Bird possui um estilo autêntico e excêntrico, revérbero de sua vontade em diferenciar-se dos demais membros de sua família. A maioria de suas roupas são compradas em brechó, algumas reformadas por sua mãe, caracterizando as condições financeiras em que sua família se encontra. A personagem também tem cabelos tingidos de rosa, que demonstram sua personalidade e reforça seu desejo de criar distinção das demais pessoas ao seu redor. Segue as imagens abaixo:

Figura 7 - audição de teatro de Lady Bird



Figura 8 - Jenna e Christine



Figura 9 - Escolhendo vestido de baile



Figura 10 - Figurino da faculdade



Fonte: frames do filme “Lady Bird: A Hora de Voar” (2017)

Tingir o cabelo de rosa funciona como um ato simbólico e reforça sua necessidade de se reinventar no ambiente em que vive, se distanciando do

tradicional e criando para si um nova persona. Suas roupas também procuram expressar seu lado artístico (Figura 7).

Ao passo em que Christine encontra novos amigos, suas vestimentas vão se alterando, o que caracteriza seu desejo de se encaixar e a perda de sua diferenciação. Em cenas nas quais se aproxima de Jenna, Lady Bird busca aproximar seu estilo ao da garota, prendendo seu cabelo e o deixando parecido com o da personagem, como pode-se perceber na figura 8.

Seu figurino está sempre se alterando de acordo com o grupo no qual se relaciona, o que demonstra um passo para trás na jornada de individuação por estar sendo influenciada por porções do coletivo, mas também revela a sua fase de teste de diversas pessoas para compreender quem realmente é.

O figurino de Lady Bird também funciona para revelar sua vulnerabilidade interna. Suas roupas tem o propósito de passar para os outros uma visão de originalidade e confiança, que são como uma máscara que a personagem utiliza para viver no meio social. Conforme a história avança, suas roupas vão se tornando menos chamativas e mais funcionais, demonstrando uma transição emocional ocorrendo na protagonista e uma mudança de visão sobre si mesma, deixando de lado suas pretensões juvenis e adquirindo a maturidade.

O ato simbólico de Marion sempre acompanhar Christine na escolha de suas roupas, como na escolha do vestido de baile (Figura 9), carrega um significado emocional que se entrelaça com a dinâmica de relação das duas. O ato de Lady Bird escolher roupas, no contexto da individuação, representa sua criação de uma identidade sólida. A presença de sua mãe, nesse quadro, demonstra que ela possui influências nesse processo, mesmo que Christine as rejeite.

Essa util intervenção da sua mãe em seu vestiário e, consequentemente, em traços da sua personalidade, ficam ainda mais evidentes quando ela vai para a faculdade. As roupas que antes demonstravam uma adolescente em busca de reconhecimento e identidade, dão lugar a roupas mais sóbrias e práticas (Figura 10), traços herdados da praticidade de sua mãe. O figurino também marca a etapa final de sua individuação: a reintegração.

4.6 A reintegração de Christine

Isso posto, Murray Stein (2020, p. 86), baseado nos estudos de Carl Jung, afirma que “a pessoa em processo de individuação está sujeita a uma noite escura da alma e deve passar pelo desespero e pela variante mais extrema de energia dispersa para reassumir uma forma plena e contida”. Em outros termos, para alcançar a individuação, o sujeito deve passar por um momento de caos extremo que antecede a sua reintegração e harmonia psicológica. No caso de Lady Bird, sua “noite escura da alma” aconteceu em dois momentos.

O primeiro deles é quando a protagonista tem uma relação sexual com Kyle, a primeira de sua vida. A cena é repleta de idealizações criadas pela garota, que é apegada ao romantismo cultural que permeia esse momento. Sua atitude reflete o desejo de libertar-se da mediocridade de Sacramento e iniciar uma nova vida, usando a experiência como uma maneira de se aproximar de algo que ela considera “adulta”.

No entanto, ao invés de um momento cheio de romantismo e delicadeza, a narrativa apresenta uma cena desconfortável regada pela total indiferença de Kyle em relação a Lady Bird. Quando o momento não corresponde a suas expectativas, visto que Kyle não era virgem, isso simboliza o caos inicial para sua passagem para a individuação. A desilusão que Kyle a causou, obriga Lady Bird a questionar e confrontar a sua realidade, revendo suas atitudes recentes.

Conforme Stein (2020, p. 24) afirma, “a exigência imperativa da individuação é voltar à própria natureza, ao próprio ser verdadeiro”. Com base nisso, Christine, em todas as cenas seguintes, demonstra sua evolução pessoal. A reintegração da figura materna é a primeira delas. Na situação em que a garota chora nos braços de Marion, não só representa uma reconciliação das duas, mas também a mudança da visão de Lady Bird em relação à sua mãe. Essa cena também transforma o carro, que antes era um símbolo de opressão, em um lugar de acolhimento familiar.

Quando a adolescente não concorda com o grupo de Kyle em deixar de ir ao baile, ela abandona a persona criada para se encaixar e vai em busca de sua melhor amiga, Julie, simbolizando a busca por sua verdadeira essência. Lady Bird também consegue tirar sua carteira de habilitação, que é a representação simbólica de que ela está finalmente “assumindo a direção” de sua vida.

A personagem também começa a trabalhar no supermercado onde seu irmão trabalhava e que ela tanto despreza, o que demonstra uma nova visão acerca da condição familiar que para ela era motivo de vergonha. A Perda da virgindade, muito além de um rito de passagem físico, é também um marco psicológico, representando a perda de parte de sua inocência e marcando um amadurecimento identitário. As circunstâncias caóticas em que esse momento se passa funcionam como a primeira “noite escura da alma” de Lady Bird, permitindo que dê seus passos finais em direção à individuação plena.

O segundo momento de caos, é quando Lady Bird vai para Nova York. Esse é a situação crucial para que seu ciclo de individuação se encerre. Ao chegar na faculdade, a personagem encontra diversas cartas que sua mãe escreveu para ela. Elas, por sua vez, representam a busca de Marion por uma reconexão com a filha e marcam o momento de reintegração emocional, fazendo Lady Bird reavaliar a relação que tem com sua mãe e fazendo-a reconhecer os sacrifícios feitos por ela.

Quando vai à sua primeira festa, naquela noite, a personagem não se apresenta mais como Lady Bird, mas sim com seu nome de batismo, Christine. Essa cena simboliza a desvinculação completa da persona que criou em Sacramento. Christine agora tem consciência de quem é e, desse modo, está finalizando seu processo de individuação.

O segundo momento obscuro da alma de Lady Bird ocorre, ainda, quando a personagem acaba no hospital por conta de um coma alcoólico. Ao acordar no leito, percebe que é domingo e vai até à igreja. Esse ato demonstra que sua visão acerca da religião – o que, em Sacramento, era motivo de suas irreverências e símbolo de repressão para a Lady Bird adolescente, agora é um refúgio para Christine e o que a conecta com sua cidade e sua família.

O catolicismo é uma característica inconsciente da personagem que se torna consciente conforme a individuação vai tornando-se completa. Na cena final, Christine liga para a sua mãe em busca da reconciliação. A mensagem que ela deixa para a Marion, marca a sua individuação completa. Isso porque, para mais do que essa demonstração de afeto, ela expõe seu amor pela cidade natal que tanto desprezara. É, além disso, quando reconhece todos os esforços de sua mãe e a agradece por eles.

O ciclo finalmente se encerra. No entanto, o processo de individuação, salienta-se, estende-se por toda vida do sujeito. Por mais que este ciclo tenha se encerrado, outros processos exigirão que a jornada recomece, agora em outros âmbitos de sua vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Individuar-se é despertar a consciência e trabalhar para desenvolver o que tomamos noção ampla da melhor maneira possível. Ainda nesse movimento, Stein (2020, p. 13) afirma que:

À tendência inata — uma energia, um impulso ou, como direi em algumas passagens, um imperativo — de um ser vivo encarnar-se por completo, tornar-se verdadeiramente ele mesmo no mundo empírico do tempo e do espaço e, no caso dos seres humanos, a tomar consciência de quem e do que são.

A individuação é a chave para compreender o eu, para o entendimento da subjetividade humana. Christine, nessa análise, é a representação deste processo. Ao final de seu ciclo de individuação, torna-se consciente das características que antes eram deixadas em seu inconsciente.

A construção da consciência do amor de sua mãe por ela, escondido em uma personalidade difícil somada à compreensão dos sacrifícios feitos para sua criação, aliam-se na percepção de que a religião não é sinônimo de repressão e autoritarismo, mas sim uma herança que a fez construir boas amizades (como a da irmã Sara Joan).

O entendimento de que a cidade em que viveu durante toda a vida é, na verdade, motivo de grande amor por ela também é mais uma nova percepção. Todas as vivências da personagem, sejam elas boas ou ruins, foram cruciais para a construção de suas subjetividades e formação de uma personalidade que agora não é mais formada apenas por porções do coletivo, mas pela integração de aspectos inconscientes de sua psique individual.

A obra utiliza de diversos símbolos para evidenciar a maneira como o processo de individuação ocorre, o que faz dela um objeto rico de pesquisa comparatista. Permite, atrelado a isso, refletir sobre diversos aspectos significativos da narrativa, tais como a importância das origens para o amadurecimento pessoal e,

ainda, como as pessoas podem influenciar, positiva ou negativamente, o processo de individuação.

Marion foi, por copiosas vezes, a superproteção que impedia Lady Bird de chegar a outros lugares, mas também foi parte essencial para sua reintegração. A aproximação da protagonista a um grupo que não partilhava das mesmas ideias a fez criar uma máscara social, o que atrasou a sua jornada; todavia, as situações desagradáveis que vivenciou com eles a impulsionou para fim da caminhada rumo à individuação. Por fim, a sua rejeição ao lado cristão que adquiriu na escola católica, no fim, deu lugar a uma certa reverência implícita que a fez entender todos os aspectos que compõem o seu *self*.

Conclui-se, diante do exposto, que o conceito de individuação de Carl Jung constitui uma ferramenta de grande utilidade para compreender a dimensão psicológica de personagens, seja no campo literário ou cinematográfico. A individuação amplia a percepção acerca do crescimento e evolução da personagem, bem como o seu processo de autoconhecimento.

Greta Gerwig, através de *Lady Bird*, cria grande impacto ao retratar a difícil relação mãe e filha e, nisso, permite que o público reflita e entenda os dois extremos. Os estudos da individuação ganham maior clareza utilizando obras como esta para exemplificar as diversas fases que marcam esse complexo processo de construção de personagem. Evidentemente, ainda existe muito a ser explorado, tanto no campo da individuação, quanto no âmbito cinematográfico, mas é perceptível que a interação entre a psicologia junguiana e a linguagem cinematográfica abre portas para novas interpretações, permitindo uma análise mais profunda das personagens e dos dilemas existenciais que enfrentam.

Este trabalho reafirma a conexão entre a psicologia e o cinema, mediada pelos estudos comparativos. E *Lady Bird: A Hora de Voar* comprova que a busca pela individuação não é apenas uma jornada individual, mas um caminho universal que conecta o indivíduo a uma versão aprimorada de si.

REFERÊNCIAS

ANAZ, Silvio Antônio Luiz. **Teoria dos Arquétipos e Construção de Personagens em Filmes e Séries**. Significação, São Paulo: 2020

ARISTÓTELES. **Poética**. 3º Ed. Fundação Calouste, Gulbenkian: 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Cultrix; Pensamento, São Paulo: 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. Atlas, São Paulo: 2002.

GONZAGA, Bruna Fortunata Dias; MARQUES, Arilma Ferreira. A Evolução Da Personagem Feminina: de donzela à heroína. **Revista de Divulgação Científica em Letras**, V. 1 N.1, p. 10-13, 2022. Disponível em:
file:///C:/Users/josna/Downloads/1067-4222-1-PB.pdf. Acesso em: 22 nov. 2024.

HALL, Calvin S.; NORDBY, Vernon J. **Introdução à Psicologia Junguiana**. Trad.: Heloísa de Lima Dantas. Cultrix, São Paulo: 1972.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad.: Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Vozes, Petrópolis: 2016.

Jung, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Trad.: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Vozes, Petrópolis: 2015.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Via Litterarum, Itabuna: 2010.

LADY Bird: A Hora de Voar. Direção de Greta Gerwig. Estados Unidos: Focus Features, 2017. Disponível em Globoplay.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Dinalivro, Lisboa: 2005.

MEDEIROS, Stéfanie Garcia. **A Jornada da Heroína: Estrutura Narrativa para Roteiros de Ficção**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019.

MURDOCK, Maureen. **A jornada da heroína: A Busca da Mulher para se Reconectar com o Feminino**. Sextante, São Paulo: 2022.

LEÃO, Weliton da Silva et al. O Processo De Individuação Segundo Carl Gustav Jung. **Revista FT**. V. 27. Ed.: nov/23. DOI: 10.5281/zenodo.1018334 Disponível em: <<https://revistaft.com.br/o-processo-de-individuacao-segundo-carl-gustav-jung/>>. Acesso em 03/04/2024.

RAMOS, Luis Marcelo Alves. Apontamentos Sobre a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.4, n.1, p.110-144 , dez/2002. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v4i1.616>. Acesso em: 05 dez. 2024

SILVEIRA, Nise Da. **Jung: Vida e Obra**. 1º. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro: 2023.

STEIN, Murray. **Jung e o Caminho da Individuação: Uma Introdução Concisa**. Cultrix, São Paulo: 2020.

VIANA, Nildo. Jung e a Individuação. Fragmentos de Cultura, Goiânia,v. 27, n. 4, p. 486-494, out./dez. 2017, DOI: <https://doi.org/10.18224/frag.v27i4.5706>. Acesso em: 05 dez. 2024